

S E R M A M
DO MANDATO,

DEDICADO

AO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

D. F. R. EUGENIO
TRIGUEIROS,

Bispo de Macao, e eleito Arcebispo de Goa, Primaz da India, do Concelho de Sua Magestade.

P R E G O U - O

No Real Collegio do Rio de Janeiro em 1738. sendo Reytor actual do mesmo Collegio

O M. R. P. M.

S I M A M M A R Q U E S,

Da Companhia de JESUS, Examinador Synodal da Diecese do Rio de Janeiro, e Lente de Prima, que foy de Theologia no dito Collegio.



*Dezme. 10
5701*

LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impressor do Eminent. Senh. Card. Patriarca.

M. DCC. XXXIX.

Com todas as licenças necessarias.



AO EXCELLENT. E REVEREND. SENHOR
D. F. R. EUGENIO
TRIGUEIROS,

Dignissimo Bispo de Macao, e eleito Arcebispo de
Goa, Primaz da India, do Concelho de Sua
Magestade:

^{mo} EXCEL. E ^{mo} REV. SENHOR.



*Ara dedicar a V. Excellencia este ser-
maõ, fundome no que succedeo, quando
o preguey. Foy o caso, que navegando
V. Excellencia para a sua Diecese de
Macao, aportou a este Rio, e foy hos-
pede do Excellentissimo, e Reverendis-
simo Senhor D. Fr. Antonio de Gua-
dalupe, dignissimo Bispo desta Diecese do Rio de Ja-
neiro. Mas chegada a semana santa, houve quem du-
vidasse, cn le era bem, que V. Excellencia se achasse
em quinta feira mayor, e nos dous seguintes dias. Se
no Paço do Senhor Bispo, onde V. Excellencia habita-*

va, ou na Cathedral desta Cidade. Porque ficar no Paço do Senbor Bispo, onde V. Excellencia habitava, e não assistir aos Officios divinos em taes dias, como aquelles, parecia demasiado retiro, e clausura rigorosa. Pelo contrario assistir na Cathedral tinha contra si o axioma, que he proprio de Principes: Non capit aula duos. Nesta perplexidade decidiose finalmente o problema a favor deste Collegio com a venturosa sorte, que lhe coube de V. Excellencia o eger por Cathedral, e assistencia sua em quinta feira mayor.

Esta foy a occasião, que houve para V. Excellencia me ouvir a pezar do meu genio, e conhecimento proprio; e esta he tambem a occasião, que eu tómo para offerecer a V. Excellencia, e expor a seus olhos hum sermaõ, que já ouvio. E se entaõ foy arrojo grande fallar eu diante de V. Excellencia, quando o que se ouve huma só vez, admite reparos mais ligeiros, que o que se lê com vagar, e talvez muitas vezes: quanto he mayor o arrojo, que agora commetto, expondo o mesmo sermaõ ás censuras taõ severas, como as da lição? Mas por tudo cõrto, e tudo desprezo só a fim de que conste, e fique em memoria a nova honra, que naquelle dia accresceo a este Collegio com a authorizadissima presença de V. Excellencia, a quem Deos guarde por largos, e felicissimos annos.

Simaõ Marques.

Ante



Ante diem festum Paschæ sciens JESUS, quia à Deo exiit, & ad Deum vadit, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos. Joan. 13.

ESTE he aquelle faudoso, e sua-
vissimo texto do amor de Christo, que tantas vezes, e por tantos modos se tem interpretado nesta hora; e taõ varias interpretaçoens cuidava eu, que mais serviaõ de abater, e desacreditar o amor de Christo, que de encarecello, e exaltallo. Tantos, e taõ varios sentidos, que se tem dado a este texto: tantos, e taõ varios conceitos, que se tem levantado sobre o amor de Christo, como podem acreditarlo? Como podem encarecello? O amor para ser amor ha de ser sempre hum, diz Salamaõ, ha de ser sempre

o mesmo: *Omni tempore* Proverb.
diligit, qui amicus est; 17. 17.
porém o amor exposto a pensamentos taõ varios, que humas vezes se mostra cuidadoso, e diligente no madrugar: *Ante diem*, outras vezes festivo, e alegre á vista do padecer: *Festum Paschæ*: amor, que assim se houve com ingratos, como se fora nescio, sendo divinamente sabio: *Sciens Jesus*: amor, que já presume de grande, ou nobre por antigo: *Cum dilexisset*: já de firme, e constante até o fim: *In finem*: amor em fim, do qual senaõ averiguou ainda, qual foy a sua mayor fineza; ou naõ he amor por vario, e de fim

mal

mal conhecido, ou não he amor de Christo, que teve hum só fim, ou huma só fineza: *In finem dilexit.*

Assim discorria eu, quando ouvia ponderar o amor de Christo, e encarecer os seus excessos; mas hoje que sou obrigado a fallar do mesmo amor, já não discorro assim. Antes julgo, que nessa mesma variedade, e multidão de assumptos, que acabo de propor, e em muitos outros, e muito mais subtis, q̄ inventarão outros Ora- dores; e nessa mesma variedade, e multidão de discursos, que se tem feito ao amor de Christo, nisso mesmo estive a sua mayor fineza; mas porque? Porque se o amor de Christo fora objecto de huma só consideração, não fora amor tão fino: se fora materia de hum só discurso, não fora amor de Christo. E se não, pergunto: Não he o infinito em qualquer genero, o que tudo abarca, tudo com-

prehende, e tudo encerra dentro do mesmo genero? He certo, que sim. Pois logo, que pensamento pôde occorrer, que não seja proprio do amor de Christo? Ou que discurso se pôde fazer, que lhe não quadre, se foy infinito o amor de Christo, se foy amor sem fim?

Para cabal intelligencia deste pensamento havemos de suppor, que de dous modos se pôde considerar o amor de Christo; ou como amor de Christo em quanto Deos, ou como amor de Christo em quanto homem. Considerado o amor de Christo, como amor de Christo em quanto Deos, não teve principio, porque tambem Deos o não teve; mas considerado o amor de Christo, como amor de Christo em quanto homem, posto que teve principio o amor de Christo, nunca teve, nem ha de ter fim. De modo, que nesta hora competio o amor de Christo, em quanto Deos, com o amor de Christo.

Christo, em quanto homem, e toda a competencia foy acerca do fim com o principio; mas assim como o amor de Christo, em quanto Deos, só porque he amor seu, não teve principio; assim o amor de Christo, em quanto homem, só porque foy amor de Christo, nunca teve, nem ha de ter fim. Vamos ao thema.

Diz o thema, que fizera circulo o amor de Christo, porque sahindo do Padre, tornou outra vez para o Padre, donde sahira: *Quia à Deo exiit, & ad Deum vadit*. E que cousa foy fazer circulo o amor de Christo, senão mostrar, que assim como o circulo não tem principio, nem fim; do mesmo modo, se não tem principio o amor de Christo em quanto Deos, também não teve, nem ha de ter fim o amor de Christo em quanto homem. Christo amou aos homens em vida: *Cum dilexisset*: amou aos homens na morte: *In finem dile-*

xit; mas não parou aqui o amor de Christo, ainda continúa depois da morte. Diz com verdade a nossa fé, que morreo Christo, mas não diz, nem pôde dizer, que morreo o seu amor; e amor, que não morre, he amor sem fim. Nisto esteve a mayor fineza do amor de Christo: em não ter fim: em não deixar de amar Christo, quando deixou de viver: em amar sempre aos homens, ainda depois de morto. Está proposto o assumpto; para proceder com acerto necessito de muita graça; peçamola por intercessão da Virgem Mãe de Deos.

Ave Maria.

Sciens JESUS, *quia à Deo exiit, & ad Deum vadit, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*. Em fim, que nos amou Christo sem interrupção, ainda depois de morto. Em não ter fim o amor de Christo, nisso esteve a sua mayor fineza. Este he o nosso assumpto.

Mas

Mas antes que entremos a discorrello, descrevamos primeiro a inconstancia, e breve duraçãõ do amor humano, para que assim se conheça melhor o amor de Christo, e avultem mais os seus extremos.

O amor humano todo tem fim, todo tem termo. Se não tem fim, he amor louco; senão tem termo, he amor descortez. Tanto assim, que quando o amor he louco, o mayor bem, que se lhe póde de-sejar, he, que tenha fim; e quando he descortez, o melhor conselho, que se lhe póde dar, he, que tenha termo. Mas dado, que não seja louco, nem descortez o amor, senão muy sério, e cortezaõ, basta ser amor humano, para que sempre acabe; e quando chegue a durar muito, dure só até a morte; e porque? Porque a uniaõ affectiva, e de amor, que de dous coraçõens faz hum só coraçãõ, e de duas almas huma só alma, não he mais forte, que a uniaõ

physica, que une a alma ao corpo: quando muito he taõ forte. Assim o suppoz Salamaõ quando disse: *Fortis est, ut mors*, Cant. 8. *dilectio*. E até quando dura a uniaõ physica, que une a alma ao corpo? Dura até a morte. Em vindo a morte, acabouse a uniaõ, que une a alma ao corpo: antes a mesma morte, fallando em rigor, não he outra couza, senão hum descomporse, e hũ desfazerse essa mesma uniaõ. Pois se a uniaõ, que une a alma ao corpo, chega a descomporse, e toda se desfaz com a morte; a uniaõ affectiva, e de amor, que não he mais forte, como a não descomporá? Como a não desfará a mesma morte? He taõ certo acabar-se com a morte a uniaõ affectiva, e de amor, que o mesmo mal, que mata os amantes, necessariamente mata tambem o seu amor. A razaõ natural vem a ser; porque o mal ou matou o amante, ou matou o amado: se matou o amante, he

he sem queſtaõ, q̃ matou juntamente o ſeu amor; porque o amor he accidente, e o accidente naõ existe naturalmente, ſenaõ em ſujeito, que tambem existe. O meſmo accidente, que tirou a vida ao amante, tirou a vida ao ſeu amor; porque tirou o fundamento, em que ſe ſuſtentava o meſmo amor.

Na morte do amado parece mais difficuloſa eſta Philoſofia, mas vem a ſer a meſma. Quando morre o amado, morre tambem o amor, que até alli lhe tinha o ſeu amante; porque o amor he acto da vontade, que diz respeito ao amado, como a ſeu termo; e ſemelhantes actos, e respeitos ſõ duraõ em quanto lhe duraõ os termos. Tanto q̃ morreo o amado, as meſmas lagrimas, que o choraõ morto, e vulgarmente ſe avaliaõ por fineza, já naõ ſaõ effeitos de amor preſente, que ainda dure no amante, ſaõ quando muito reliquias, ou ſinaes de

amor paſſado, que algum dia houve.

Na morte de Lazaro chorou Chriſto, e inferiraõ os circumſtantes, que Chriſto o amava muito:

Ecce quomodo amabat eum. Naõ reparo na illa-^{Joan. 11. 36.}

çaõ, que foy natural: reparo nos termos. Porque naõ inferem, que Chriſto ama de preſente, ſenaõ que amou de preterito:

Amabat eum? Porque neſta

occafiaõ regularaõ os circumſtantes, e mediraõ o amor de Chriſto pelo amor vulgar; e como o amor vulgar, morto o ſeu amado, morre tambem, e eſpira no amante, por iſſo os q̃ viraõ chorar a Chriſto na morte de Lazaro, naõ inferem, que Chriſto o ama de preſente, ſenaõ q̃ o amou de preterito: *Amabat eum.* Origenes foy dizer, q̃ chorara Chriſto, naõ por amor de Lazaro morto, ſenaõ por amor da Magdalena viva: *Cum vidisti eam lacrymantem, lacrymatus es.* Tu-^{Origena.} do póde ſer, com eſta ad-

vertencia porém, que as lagrimas, q̄ Christo chorou, referidas á Magdarena viva, denotaõ amor presente: *Cum vidisti eam lacrymantem, lacrymatus es*; mas referidas a Lazaro morto, já naõ denotaõ amor presente, (conforme as regras do amor vulgar) denotaõ amor passado: *Amabat eum*.

Com as definiçoens, q̄ alguns Padres deraõ ao amor, melhor se declara, e confirma isto mesmo. S.

S. Dionys. Arcopagit.

Dionysio Areopagita definiu o amor: *Anima plus est, ubi amat, quàm ubi animat*: Huma operaçaõ da alma, que mais assiste com o amado, que com o amante. Santo Agostinho chamou pezo ao amor:

S. Aug.

Amor meus pondus meum; porque assim como o pezo sempre inclina, e propende para o centro, assim o amor sempre busca, e vay apoz do amado: *Illo feror, quocumque feror*, continuou Santo Agostinho. De sorte, q̄ na opiniaõ do grande Areo-

pagita vem a ser o amor hum affecto da alma, que mais vive no amado, que no mesmo amante: *Anima plus est ubi amat, quàm ubi animat*; e na opiniaõ de Santo Agostinho vem a ser hum acto da vontade, que sempre busca, e vay apoz do amado; e só ahi pára, só ahi descansa, e só ahi assiste; aonde pára, aonde descansa, e aonde assiste o mesmo amor: *Illo feror, quocumque feror*.

Isto posto, notay agora o q̄ daqui se segue. Como a inclinaçaõ do amor he ir sempre apoz do amado, he ir buscallo, he ir assistillo, e acharse aonde quer que se acha o mesmo amado: *Illo feror, quocumque feror*, daqui se segue, que quando o amado está já morto, ou na sepultura, ahi mesmo o vay buscar o amor, ahi mesmo o acompanha o amor, ahi mesmo lhe assiste o amor, e ahi mesmo se sepulta junto com o amado; e de hum amor sepultado jun-

to

to com o mesmo amado, quem não dirá, que morreo? Quem não dirá, que espirou? Quem não dirá, que acabou já: *Amabat eum*? Desenganaivos, quantos presumis de amados, que não sois, nem podeis ser amados, mais que até á morte, ou sepultura. Não se estende a mais a esfera do amor humano: não chega á região dos mortos a sua jurisdição. As mesmas lagrimas, que vos choraõ mortos, e vulgarmente se imaginaõ finezas, já não são effeitos de amor presente, que ainda dure em vossos amantes, são quando muito reliquias, ou sinaes de amor passado, que algum dia houve: *Amabat eum*. A razão ultima he; porque o amor tem por objecto o bem, e como todo o bem humano he fragil, e caduco, que não dura sempre, por isso em deixando de durar o bem humano, deixa tambem de durar o amor, que o tinha por objecto:

Amabat eum. Muito me detive em descrever a inconstancia, e breve duração do amor humano; mas protesto, que o não fiz para infamar huma paixãõ taõ noble: assim nós o empregassemos bem! Detiveme, para que á vista do amor humano se conheça melhor o amor de Christo, e avultem mais os seus excessos; porque se o amor humano, quando he mais firme, e mais constante, dura só até á morte, e todo acaba com a vida: quanto realça, quanto sobressahe, e quanto excede o amor de Christo, que nos amou em vida, e ainda continúa em nos amar depois da morte? Os antigos mais discretos, e que melhor penetraraõ as propriedades do amor, não o pintaraõ minino; porque o amor minino não tem forças para embeber as settas no arco até lhe unir as pontas, e fazer circulo, que he a figura propria do amor eterno; pois

como o pintaraõ? Pintaraõ huma Nynfa, e no peito da mesma Nynfa dous rios, que lhe nasciaõ, e manavaõ do coraçãõ: a hum chamavaõ rio da vida, a outro rio do amor. Mas com esta differença entre os dous rios; que se acontecia adormecer a Nynfa, parava o rio da vida, mas o rio do amor não parava. Ainda quando a Nynfa estava como morta por adormecida, ainda entãõ corria, como sempre, o rio de seu amor.

Ora eu, se houvesse de pôr lema a este jeroglyfico do amor, nenhum outro lhe escrevera, senãõ o hemistichio daquella alma, que mais se prezou de amante: *Ego dormio, & cor meum vigilat*: Eu durmo, dizia a Esposa, mas o meu coraçãõ está álerça; porque sendo o sono o melhor emblema da morte, e o coraçãõ a fonte do amor, o amor da Esposa foy taõ fino, que ainda quando a Esposa descansava, não descan-

sava o seu coraçãõ: *Cor meum vigilat*. Ainda quando a Esposa jazia como morta por sepultada no sono, ainda entãõ estava vivo, e sempre álerça o seu amor; ainda entãõ estava solícito, e sempre cuidadoso o coraçãõ da Esposa: *Cor meum vigilat*.

Por ventura que já estais no que vou a dizer. Quando rasgaraõ o peito de Christo com huma lança, sahio fangue, e agua do peito de Christo: *Exi-*

vit sanguis, & aqua. He ^{Joan. 19.} certo, q̄ quando se obrou este prodigio, já Christo estava morto: *Ut viderunt eum jam mortuum;*

mas os sinaes todos foraõ de que ainda conservava vivo no peito o amor, que sempre nos teve. Nem eu quero apurar outra fineza, mais que esta do amor de Christo; porque sahir fangue, e agua do lado de Christo morto, que outra cousa foy, senãõ mostrar Christo, que ainda tinha vivo no peito o amor, que

fem-

sempre nos teve? Que outra cousa foy, senão mostrar Christo, que tendo já parado o rio de sua vida, ainda não tinha parado, mas corria como dantes o rio do seu amor: *Cor meum vigilat?* Por isso escrevendo S. João este prodigio, notou Santo Agostinho, que não ufara o Euangelista de outro verbo, senão de hum verbo vigilante: *Unus militum lancea latus ejus aperuit.* Não disse o Euangelista, que o soldado rompera o peito de Christo morto: não disse, que lho rasgara com a lança: não disse, que lho ferira: disse, que lho abrira: *Aperuit*; e a este *Aperuit* chamou Santo Agostinho verbo vigilante: *Vigilanti verbo Euangelista usus est; ut non diceret latus ejus percussit, aut vulneravit, sed aperuit.* Pois porque não usou o Euangelista de outro verbo, senão de hum verbo vigilante: *Vigilanti verbo usus est?* Porque Christo amou tanto aos

homens, que não só em vida, senão também depois da morte conservou vivo no peito o seu amor, que sempre nos teve: *Cor meum vigilat.* Mais. O coração não só he officina do sangue, senão também do amor; e ainda que a morte teve poder para esgotar do coração de Christo o sangue, de que vivia; com tudo não teve poder para lhe esgotar o amor, que sempre nos teve. Ao mesmo passo, que o sangue da vida hia desamparando o coração de Christo, entrava a substituílo, e a animallo o amor, que sempre nos teve: já Christo não tinha coração para viver; mas ainda tinha coração para nos amar: *Cor meum vigilat.* De maneira, que quando rasgava o peito de Christo, mais foy para explorar, se Christo ainda vivia, do que para examinar, se ainda amava; mas como este exame se fez batendo ás portas do coração, que he a officina do amor, deo-se por pica-

Joan. 19.
34.

S. Aug.

picado o mesmo amor, e para mostrar, que Christo ainda amava, quando já não vivia, acudio á porta o amor, e a despeito da mesma morte brotou em rios de sangue, como vivo: *Exivit sanguis.*

E agora entendo eu a razão, que teve S. João Damasceno para dizer, que o amor de Christo nunca padecera eclipse:

Amorem eclipticum non suscipit Deus. Foy pois a razão, porque o eclipse não he outra cousa, mais que huma suspensão de luz; e Christo amou tanto aos homens, que nem suspenso na Cruz suspendeo o seu amor, nem metido na sepultura o sepultou com si. Amplifiquemos isto. O eclipse ou he do Sol, ou da Lua; se he do Sol, não pôde ser total, naturalmente fallando; porque a Lua, por cuja interposição entre o Sol, e a terra se faz o eclipse do Sol, he menor, que a terra, e muito menor, que o Sol; e hum corpo menor,

qual he o da Lua, não pôde encubrir outro corpo mayor, qual he o do Sol. Mas se o eclipse he da Lua, pôde ser total; porque a terra, por cuja interposição entre a Lua, e o Sol se faz o eclipse da Lua, he mayor, que a mesma Lua; e hum corpo mayor, qual he o da terra, bem pôde encubrir outro corpo menor, qual he o da Lua. Isto, que passa no Sol, e na Lua, succede talvez ao amor: ora se eclipsa em parte, ora se eclipsa de todo. Quando se encontraõ esquivanças, quando se experimentaõ ingraticidios, quando se formaõ queixas, e cessa por isso o amor, entaõ se eclipsa em parte o mesmo amor; porque entaõ entre o amante, e o amado se interpoem o desamor, ou o odio, que podem tornar a ser amor. Mas quando entre o amante, e o amado se interpoem a morte, ou a terra da sepultura, entaõ se eclipsa de todo o amor; porque entre mortos não

ha,

ha, nem póde haver amor, como já vimos. Pois nem de hum, nem de outro modo, diz Damasceno, se eclipsou o amor de Christo: *Amorem eclipticum non suscipit Deus*. Naõ se eclipsou em parte; porque Christo por mais esquivanças, que achou, por mais ingraticosens, q soffreo, e por mais queixas, que teve contra a nossa má correspondencia, nunca interrompeo o seu amor, sempre nos amou em vida: *Cum dilexisset, dilexit*. Tambem se naõ eclipsou de todo o amor de Christo; porque Christo amou tanto aos homẽs, que nem suspenso na Cruz suspendeo o seu amor, nem metido na sepultura o sepultou comfigo: ainda depois da morte confervou o amor, que nos teve: *Exivit sanguis*. De maneira, que tanto que Christo morreo, eclipsou-selhe a vida, porque deixou, que parasse o rio da sua vida; mas naõ se lhe eclipsou o amor, que sem-

pre nos teve, porque naõ quiz, que parasse o rio do seu amor; e porque? Porque se o rio do amor, que Christo nos teve, parasse na sua morte, deixaria de ser amor seu. Assim como o rio da vida, tanto que parou em Christo, deixou de haver vida em Christo: do mesmo modo, se o rio do amor, que Christo nos teve, parasse na sua morte, deixaria de ser rio do seu amor.

Aquelle espirito, que naõ coube com Deos no Ceo, e antes quiz ser Principe das trevas, que conservar-se Anjo de luz, dizem commummente, que fora Serafim: *Lux in eo fuit ignita, id est, seraphica*, expõem Alapide. Mas eu noto, que lhe chama o texto Cherubim: *Tu Cherub extentus*. Pois porque lhe naõ chama Serafim, se foy Serafim? Porque Serafim val o mesmo, que amante; e como Lufbel intentou, que parasse, e se pozesse de assento o seu amor: *Sedebo in monte*

Alap. in
Ezech.
28. 14.

Ifai. 14.
13,

te testamenti, por isso perdeo o nome de Serafim: *Tu Cherub*; porque no amor o mesmo he parar, que deixar de ser amor. O amor, que he amor, traz consigo obrigaçoens de Serafim, que sempre voa, e nunca pára, como quem tem azas proprias: *Seraphim stabant, & volabant*; e Serafim, que tendo obrigação de voar sempre, e nunca parar, intenta com tudo, que pare, e se ponha de assento o seu amor: *Sedebit in monte testamenti*, assim como já não he amante, tambem já não he Serafim: Serafim, que quiz parado o seu amor, ou deixou de ser Serafim, ou nunca o foy: *Tu Cherub extentus*. Logo ao contrario, se o rio do amor, que Christo nos teve, não parou na sua morte, seguesse, que tão amante he Christo depois de morto, como o foy em vida. Como Christo sabia, que se o amor, que sempre nos teve, parasse na sua morte, deixaria de ser amor seu,

Isai. 6. 2.

para que os homens, que tão inconstantes fomos em amar, não imaginassem, que o seu amor era como o nosso, que todo acaba com a vida; que dispoz o divino Amante? Dispoz, que ainda depois de parar o rio de sua vida, não parasse, mas sim continuasse a correr, como dantes, o rio do seu amor: *Exivit sanguis*. Esta foy a altissima providencia, com que permittio Christo lhe abrissem o peito, não em quanto vivo, senão depois de morto: *Ut viderunt eum jam mortuum*; porque as feridas, que recebe hum corpo vivo, podem fecharse, e cerra-se outra vez; porém as feridas, que recebe hum corpo morto, não se fechaõ, nem cerraõ já mais; e como o peito he concha do coração, e o coração fonte do amor, por isso permittio Christo lhe abrissem o peito, quando já morto; porq̃ aquella ferida, ou rotura, que hum vez servio de porta, por onde sahio o rio do seu

seu amor, ficasse sempre aberta, e não se fechasse, nem cerrasse já mais: *Exiit sanguis.*

Ainda não está applicado de todo. Quando Lufbel intentou, que parasse o seu amor, não intentou, que parasse em qualquer parte, senão que parasse no monte do testamento para a parte do Setemptriaõ: *Sedebo in monte testamenti in lateribus Aquilonis.* Todos sabem, que o Setemptriaõ he huma regiaõ frigidissima; e o testamento huma declaração da ultima vontade, que não tem execução, senão depois da morte: entre vivos não ha testamento. He texto expressõ de Hebr. 8. S. Paulo: *Ubi testamentum est, mors intercedat, necesse est: testamentum nondum valet, dum vivit, qui testatus est.* Espirito pois, que faz testamento ao seu amor: *Sedebo in monte testamenti:* espirito, que deseja, descanse na terra fria o seu amor: *In lateribus Aquilonis,* assim como

suppoem, que ha de morrer o seu amor: *Ubi testamentum est, mors intercedat, necesse est,* assim não he muito, que perca o nome de amante, e em vez de Serafim lhe chame o texto Cherubim: *Tu Cherub extentus.* Muito ao contrario foy Christo amante, porque muito ao contrario testou Christo. Christo antes de morrer tambem fez testamento, mas não ao seu amor. Testou da mãy, deixando-a ao discipulo: *Ecce mater tua:* testou do discipulo, deixando-o á mãy: *Ecce filius tuus;* mas do seu amor não testou, nem fez deixa. Teve tanto amor ao seu amor Christo bem nosso, que nem por morte o quiz deixar; e amor, que nem por morte se deixa, não entra em testamento.

Ou digamos, q̄ Christo tambem fez testamento ao seu amor; mas hum tal testamento, que está tão longe de suppor morto em algum tempo o amor de

Luc. 22.
20.

Christo, que antes o suppoem eterno, e immortal. O calix do meu fangue, que deixo em memoria do meu amor, he hum novo testamento, disse Christo por S. Lucas: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine*. E porque chamou Christo novo testamento ao calix do feu fangue, á memoria do feu amor? Porque o testamento, que Christo fez ao feu amor, não he como os mais testamentos. Os mais testamentos suppoem, que ha de haver morte: *Ubi testamentum est, mors intercedat, necesse est*; mas o testamento, que Christo fez ao feu amor, não he assim. O testamento, que Christo fez ao feu amor, está tão longe de suppor morto em algum tempo o amor de Christo, que antes o suppoem eterno, e immortal. Eu me declaro. O testamento novo serve de annullar, e abrogar o testamento velho: para isso se faz testamento novo para

annullar, e abrogar o testamento velho, ou em parte, ou em todo. Assim consta das leys, e da praxe fundada nas mesmas leys. Logo se o testamento velho suppoem, que ha de haver morte: *Ubi testamentum est, mors intercedat, necesse est*; o testamento, que Christo fez ao feu amor, para ser testamento novo, como ha de ser, ou que ha de suppor? Ha de ser hum testamento de outra casta: ha de ser hum testamento, que não supponha morte: ha de ser hum tal testamento, que esteja tão longe de suppor morto em algum tempo o amor de Christo, que antes o supponha eterno, e immortal. Valha-me a Igreja, como melhor Interprete das Escrituras: *Hic est calix sanguinis mei, novi, & aeterni testamenti*: O testamento, que Christo fez ao feu amor, diz a Igreja, foy testamento novo, e eterno: testamento novo, porque não foy como os mais testamen-

L. Siquis
priori ff.
ad Treb.
l. Sancimus c. de
Test. §.
Posterio-
re quo-
que.

mentos, q̄ suppoem morte: *Ubi testamentum est, mors intercedat, necesse est*: e testamento eterno, porque está taõ longe de suppor morto em algum tempo o amor de Christo, que antes o suppoem eterno, e immortal: *Et æterni testamenti*. De forte, que a Igreja usa das mesmas palavras, que Christo disse, quando fez testamento ao seu amor, e só á palavra *Novi* accrescenta a palavra *Æterni*: *Novi, & æterni testamenti*, como se a mesma Igreja fora a declarar o amor, que Christo nos teve, pela differença, que ha entre hum, e outro eterno. Ha hum eterno, que naõ tem principio, nem fim, como Deos; e ha outro eterno, que teve principio, mas naõ ha de ter fim, como a bemaventurança, que esperamos. Pois, (diz agora a Igreja) pois o testamento, que Christo fez ao seu amor, ainda que o naõ suppoem eterno, como Deos, suppoem-no

eterno, como a bemaventurança. Naõ o suppoem eterno, como Deos; porque Deos naõ teve principio, e o amor de Christo, em quanto homem, teve principio, e por isso he novo o seu testamento: *Novi testamenti*; mas suppoem o amor de Christo eterno, como a bemaventurança; porque ainda que o amor de Christo, em quanto homem, teve principio, como a bemaventurança, com tudo, assim como a bemaventurança naõ ha de ter fim, e por isso se diz eterna: *Erit illi gloria æterna*, assim o amor de Christo, em quanto homem, nunca teve, nem ha de ter fim; e por isso he eterno o seu testamento: *Et æterni testamenti*.

Ecclef.
31. 10.

Esta foy a energia daquellas palavras, q̄ Christo disse a S. Pedro, quando lhe lavou os pés, e aos mais discipulos: *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea*: O que eu faço, tu naõ o entendes

Joan. 13.

agora, mas entendellohas depois. E que fez Christo no lavatorio dos pés, que Pedro não entendeu? Ou quando foy este depois: *Postea*, em que Pedro o entendeu? Deixadas muitas, e varias exposições dos santos Padres, q̄ neste lugar traz Alapide, digo resolutamente quanto ao primeiro, que o q̄ Christo fez no lavatorio dos pés, e Pedro não entendeu, foy aquillo mesmo, q̄ Christo lhe quiz dar a entender, quando se cingio com a toalha: *Cum accepisset linteam, praeinxit se*. Quando Christo se cingio com a toalha para lavar os pés a Pedro, e aos mais discipulos, da mesma toalha fez circulo o amor de Christo; e como o circulo he symbolo da eternidade, que não tem fim, por isso o entendimento de Pedro, por finito, e limitado, não conheceo, nem podia conhecer o amor de Christo, em quanto eterno, e sem fim: *Quod ego facio, tu nescis modo*. De maneira,

que todas as mais acções, que Christo obrou no lavatorio dos pés, talvez as conheceo Pedro; mas esta de lhe insinuar Christo com o circulo da toalha, que era eterno, e sem fim o amor, que sempre nos teve: *Cum dilexisset dilexit*, nem Pedro a conheceo, nem estava em tempo de a conhecer. Lavar Christo os pés a Pedro, e aos mais discipulos com aquellas divinas mãos, nas quaes o Eterno Pay tinha depositado todos os thesouros de sua omnipotencia: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus*,^{Joan. 13.} não ha duvida, que foy fineza, e excessão de amor; mas fineza, e excessão de amor, que talvez conheceo Pedro, quando rompeo naquelles pasmos, e admirações: *Domine, tu mihi lavas pedes?* Prostrarse aos pés de Pedro, e dos mais discipulos aquelle mesmo Senhor, a quem adoraõ os mais nobres Cortezaõs da gloria: *Sub quo curvantur, qui portant*^{Job 9. 13.}

Joan. 13.
34.

tant orbem, he certo, que foy abatimento, e humil-
 dade profundissima; mas abatimento, e humildade,
 que naõ he impropria de quem chegou a tomar a fi-
 gura de servo: *Formam servi accipiens*. Naõ ex-
 cluir Christo a Judas, que o haviade vender, e lavar-
 lhe os pés, como aos mais discipulos, que o amavaõ,
 foy piedade, e misericordia infinita; mas piedade,
 e misericordia, q̄ Christo tambem usou com aquel-
 les mesmos, que depois o crucificaraõ, orando por
 elles a seu Eterno Padre: *Pater, dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt*.
 Tudo isto conheceo, ou podia conhecer Pedro no
 lavatorio dos pés; mas isto de ser eterno, e sem fim
 o amor, que Christo nos teve, como lho insinuava
 o circulo da toalha: *Linteo præcinxit se*, isto nem
 Pedro o conheceo, nem estava em tempo de o con-
 hecer. Porque? Porque quando Christo disse a Pe-
 dro: *Quod ego facio, tu*

nescis modo, estava Pedro proximo a interromper o
 seu amor, como na verdade o interrompeo, negan-
 do a seu divino Mestre: *Nescio hominem*; e como
 o amor de Pedro naõ foy eterno, e sem fim, senaõ
 amor com fim, e interrupção: *Nescio hominem*, por
 isso Pedro, como quem regulava o amor de Christo
 pelo seu, naõ estava em tempo de conhecer hum
 amor eterno, e sem fim, qual foy o amor de Chris-
 to: *Quod ego facio, tu nescis modo*. Estava para
 dizer, que o verbo *Nescis* dito por Christo a Pedro:
Nescis modo, fez correspondencia ao verbo *Nescio*
 dito por Pedro á ancilla: *Nescio hominem*; porque
 assim como Pedro, quando interrompeo o seu
 amor, negando a seu divino Mestre, entaõ foy, que
 disse: *Nescio hominem*; assim Christo, quando
 quiz significar a Pedro, que naõ conhecia o seu amor,
 em quanto eterno, e sem fim, entaõ foy, que o ar-
 guio

Philip. 2.

7.

Luc. 23.

34.

Matc. 14

71.

guio pelos mesmos termos, e com o mesmo verbo *Nescio*: *Nescis modo*.

Atéqui a primeira parte do texto. Quanto á segunda: *Scies autem postea*; por este *Postea* entendem Santo Agostinho, Beda, e Ruperto a gloria, e bemaventurança do Ceo. E agora me cõfirmo eu mais na intelligencia, que acabo de dar ao *Quod ego facio*, *tu nescis modo*; porque aquelle amor eterno, e sem fim, que Pedro não conheceo, quando Christo lho representou no circulo da toalha: *Linteo præcinxit se*, esse mesmo amor conhece agora S. Pedro na gloria, e bemaventurança do Ceo: *Scies autem postea*. No Ceo, onde todo o amor he eterno, assim o amor, que Deos tem aos bemaventurados, como o amor, que os bemaventurados tem a Deos: no Ceo conhece agora S. Pedro: *Scies autem postea*, que aquelle amor, com o qual mutuamente se amaõ ab æterno as tres divinas

peçoas, he o mesmo, que Christo trouxe á terra, e quiz atear no coração de Pedro: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo, nisi ut accendatur?* Luc. 12. 49. No Ceo conhece agora S. Pedro: *Scies autem postea*, como no mysterio altissimo de nossa Redempção resplandeceo principalmente aquelle amor, que Deos sempre nos teve, desejando estar connosco para nos ter sempre consigo: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.* Prov. 3. 31. No Ceo conhece agora S. Pedro, e está vendo a Deos como he em si mesmo, e em todos os seus attributos, e perfeiçoens divinas: *Scies autem postea*; e não só conhece, e se está gozando de que ha de amar a Deos para sempre, senão tambem de que por mais que o ame, nunca o amará tanto, que não seja mais amavel: *In quem desiderant Angeli prospicere.* 1. Petr. 1. 12. Oh se o Ceo nos infundisse agora hum rayo daquella divina luz, em que se

se está banhando S. Pedro: *Scies autem postea!* Como conheceríamos, que foy eterno, e sem fim o amor, que Christo nos teve: *In finem dilexit!* E como trabalhariamos á medida deste conhecimento! Como trabalhariamos por não offender a tão bom Senhor, só por não interromper o amor, que sempre nos teve! Mas ah Senhor! E quanto he inferior, e desigual ao vosso amor o nosso amor! Eterno, e sem fim he o amor, que sempre nos tivestes; e mayor ainda (se possivel fora) devia ser o nosso amor para comvosco; porque o vosso amor para

comnosco he beneficio gratuito, e o nosso amor para comvosco he divida, e obrigaçãõ forçosa, que ou se ha de satisfazer com amor mayor, ou ao menos com igual. Assim quizera, meu Deos, que todos vos amassem; mas já que não póde ser igualado, quanto mais excedido o vosso infinito amor, por esse mesmo amor nos concedey, Deos, e Senhor de nossas almas, que para sempre vos amemos nessa feliz patria do amor eterno: nessa ditosa morada dos que melhor vos amaõ: nessa bemaventurança dos vossos escolhidos, *ad quam nos perducatur &c.*

